



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Chanceler

Dom Dadeus Grings

Reitor

Joaquim Clotet

Vice-Reitor

Evilázio Teixeira



Biblioteca Central Irmão José Otão
César Augusto Mazzillo – Diretor



Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural
Luiz Antonio de Assis Brasil – Coordenador Geral

Autoria José Joaquim de Campos Leão – Qorpo Santo
Digitalização, Projeto Gráfico e Diagramação Michelângelo M. M. Viana
João Vítor Hanna de Souza

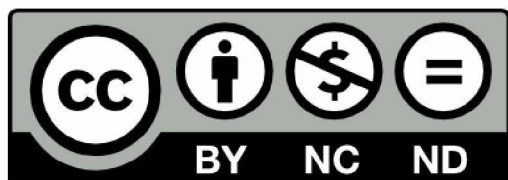
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Q1e Qorpo Santo

Ensaiopédia, ou seis mezes de huma enfermidade : livro quarto / José Joaquim de Campos Leão. – Dados Eletrônicos. –
Porto Alegre : Tip. Qorpo Santo, 1877.
102 p.
Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.pucrs.br/biblioteca/qorposanto>>

1. Literatura Rio-Grandense. 2. Teatro Rio-Grandense. I. Título.
CDD 869.99239

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Suporte e Desenvolvimento da BC-PUCRS



Título da Obra: Ensaiopédia: ou seis mezes de huma enfermidade! Volume 4

Disponível em: <http://www.pucrs.br/biblioteca/qorposanto>

Está licenciada sob a licença [Creative Commons](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/):

Atribuição; Vedado o uso comercial; Vedada a Criação de Obras Derivadas. 2.5 - Brasil
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/>

PUCRS

Campus Central

Av. Ipiranga, 6681 - prédio 16 - CEP 90619-900
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: +55 (51) 3320-3544 - Fax: +55 (51) 3320-3548
Email: biblioteca.central@pucrs.br
www.pucrs.br/biblioteca

HUM ASSOVIÓ

Comédia em 3 Actos, e hum quadro.

Fernando de Noronha; Gabriel Galdino; Almeida Garrá;
Jerônimo Aviz; Luduvica; Luduvina; Esmeria;
Rozinha; e Coriolana. As Scenas passam-se em Pariz.

Acto Primeiro.

SCENA PRIMEIRA.

Fernando: (passeando e batendo na testa) Não sei que diabo tenho nesta cabeça. Nem S. Cosme que é da minha particular devoção é capaz de advinhar o que se passa dentro deste côco!

O que porem é verdade é que todos os dias, todas as horas faço novas pressões; e todas as horas e todos os dias transgredito os deveres que em taes protestos me imponho. (chama) Gabriel. Gabriel. que diabo estás fazendo nesse fogão, em que estás pregado ha mais de duas horas. l? querem ver que estás a roer os tijolos julgando serem de goiabada. l cruces. l cruces. l que gastrônomo. l é capaz... já estou com medo. l é capaz de roer até a minha cazaca velha! (pegando de repente no nariz, tira hum pedaço; o lha; e grita) — Oh! diabo! até já me roeu hum pedaço do nariz, quando eu hontem dormia!

Gabriel! Gabriel!

Gabriel: Prompto! então (de dentro) que tanto me chama? diabos te levem! é o amo mais impertinente que tenho visto! Cruces. l Avemaria! já vou. já vou! deixe-me tomar o meu quinhão de café; e tomo, por que estou tranzido de frio! estou géllo! quer derreter-me? espere! espere. l

Fernando: Diabos te levem para as profundas do maior inferno. l

Está este diabo a tomar café desde que amanhece, até que anoitece. l vai-te diabo. l

Gabriel (aparecendo): O'ra graças a Deos. l e a meu amo. l já que com o diabo cortei de todas as minhas relações. l (apalpando e levantando a barriga). Tenho esta pança mais pequena que a de hum jumento, ou de hum boi lavrador. l Não é nada (caminhando para o lado do amo) existe aqui... quem sabe já quanto estará. l (rindo-se) Duas chaleiras de café; 4 libras de assucar... já se sabe — do mais fino refinado. l 3 libras. l não. l seis libras de pão de rala. l e duas de fina manteiga ingleza. l (andando para hum lado e outra parte) Troleró, tróro. l agora sei que sou mesmo hum Manoel Jozé Taquarião. l só me faltão as cartas, e as parceiras. l (Apalpa as algibeiras e tira hum baralho).

Fernando (A' parte): Estou óptimamente servido de criado e companheiro. l não tenho, sinto — hum guindaste para lhe ir suspender a pança. l

Gabriel (depois de haver examinado o baralho com attenção; para o amo): Pensei que não tinha trazido. l está óptimo. l Vamos a hum primeirinha? (batendo no baralho) Em? em? (tocando-lhe no braço) Então? Vamos, ou não vamos?

Fernando: Tu és o diabo em figura de bixo (batendo-lhe na pança).

Galdino: Ail não me fures, qe eu tenho um filho de seis mezes arranjado pela Sr. D. Luduvina! a quella célebre Parteira que o Sr. meu amo melhor que eu conhece... visto que passou as mais apreciáveis noites com... ou... & &.

Fernando (batendo-lhe na boca): O' diabo! não descubras esse segredo! se não, são capazes os amigos dela de me porem na cadeia. l

Galdino (A' parte): Por isso é que muitas vezes eu chupo-lhe o dinheiro, e faço d'amo. l tem segredos, que eu sei; e que ele não quer que se jão revelados. l

Fernando: Então Galdino. l enchestes o teu pandulho desde (bate-lhe na bunda que é tão bom formidável; e na barriga) esta extremidade até esta... l

Galdino: Ai. l ai. l seu diabo. l não sabes que ainda não botei as páreas do que pari por aqui!... (apalpa a bunda).

Fernando: E entretanto, de mim não te lembrastes! judeol vai me buscar hum chicara; anda. l

Galdino: Oh! pois não. l (pulando; e dando voltas) O meu amo sabe dançar a chula? (olha para os calcanhares) e ainda faltão-me as espóras; senão havia eu de fazer o papel mais interessante que se tem visto. l Nem o Juca Fumaça éra capaz de me ganhar em levianeza, e linda graça! (continúa a dançar a xula).

Fernando: Este diabo (a parte ou para hum lado) não vai me buscar café! então? vais, ou não vais?

Galdino: Ah! quer café! já vou. l (dá mais duas ou tres voltas, e entra por hum porta; pela qual torna a vir logo depois).

Fernando: Que tal estará o café deste judeol

Galdino: Eis aqui. l está melhor que o cho-

colate da velha Tereza lá do Caminho Novo em que não ha se não velhas tabaqueiras ou espirra-deiras, que na phraze dos rapazes são tudo e a mesma couza.l

Fernando (pegando a chicara, e levando-a aos lábios): Fum!... fede a rato podre.l e tem gosto de macaco são.l que porcaria.l péga; péga! (atira-lhe com o café á cara!)

Galdino (limpando-se todo): Não precisava fazer-me beber pelos olhos.l já estava farto de derramal-o pela cara.l agora arrumo a chicara.l

Fernando: Quem sabe se o fêlito; e o gosto, provém da chicara? pode ser! para não tornar a ter destes prazeres... (atirando) quebrarei as pernas deste pansudo.l (atira chicara e pires ás pernas do criado).

Galdino: O' diabo.l quasi me quebras as pernas.l mas ficou sem o casal da chicara.l O que me vale (á parte) é que por eu ha muito já o conhecer, mandei o anno passado forral-as de aço no ferreiro das encomendas, que mora lá por traz das vendas, na rua das Contendas.l

Acto Segundo.

SCENA PRIMEIRA.

Luduvina (mulher de Galdino, velha feia, e com preunções e ares de feiticeira): Graças a Deos que já se pode vir á esta sala!

(Olhando para o chão): Oh! cácos! que barulho haveria aqui! quem quebraria esta louça!?

Querem ver que o meu marido o Sr. barrigudo é bondado, que pelas nádegas (e se espéra que faça o mesmo pelo embigo) andou brigando com o amo, que é huma outra das mais raras esquizitices que se ha visto sobre a Terra! nem foi outra couza! Deixem-os por minha conta: heide pôr-lhes freio e lei, e em toda a sua grei!

Galdino (entrando): Oh! minha querida Luduvina! levantei-me a sonhar como hum sonanbulo! agarrei-me primeiramente a huma janela; pensando que era a Sr.^a! depois a huma talha, ainda com a mesma iluzão! e ultimamente a huma muzica chamada cavatina, pensando sempre que era a Sr.^a. D. Luduvina!

Luduvina: O Sr. é muito gracejador! quem o manda dormir tanto! porque não faz como eu que atiro-me do mar, ponho-meno ar!?

Sabe que mais (pondo o dedo em frente ao rosto dele, como ameaçancando) se quizer continuar a ser meu, hade, primeiro:

Levantar-se de madrugada, se não á do galo primeira cantada!

Segundo; banhar-se dos pés até a cabeça, e esfregar-se com fino sabão inglez ou sabonete!

Terceiro; Alimentar-se trez vezes em cada dia; e de comidas simples e brandas: como por exemplo huma chicara de chocolate para aluzoço com

huma fatia ou alguma massa fina torrada ou não.l hum ou dous pedacinhos de galinha, ou couza identica para o jantar, e quando muito mais (o que não julgo necessario).—hum calix de vinho superiôr, ou huma chicara de café, ou de chá.l

A' noite — qualquer liquido destes como seia.l

O melhór de tudo é tomar huma só bebida para almoço, e para seia; e para o jantar taõbem hum só pratinho com hum calix de vinho, ou huma chicara de café; no primeiro cazo se fôr com carne; no segundo se fôr.

Galdino: Agora acaba.l depois da seia, diga: O que havemos de fazer.l? em que me heide entreter.l?

Luduvina: De noite, depois do chá. . . já se sabe (abraçando-o), vamos para a cama dormir quentinhos.l fazer alguns. alguns filhinhos; sabe? não? entende o que eu lhe quero dizer? entende; o Sr. não é nem hum ignorante.l

Galdino: Estás gaiata; gaiatissima.l pois não basta a nossa filha Esmeria para nos entreter.l? ainda queres mais filhinhos.l?

Luduvina: E' por que eu sempre gostei. . .

Galdino: Mas isso éra no tempo de môça; agora estamos velhos.

Luduvina: A mulher nunca é velha.l e o homem sempre é moço.l

Galdino: O'ra explique-me, Sr.^a Pulchra a sua asserção: eu não a entendo bem.

Luduvina: Visto que me trocra o nome, eu lhe trocarei o chapéu.l (tira o que elle tem na cabeça e põe-lhe outro mais esquizito): O nome que me deu, regula com o chapéu, que eu lhe — ponho: e dê graças a Deos não o deixar com a calva á mostra.l

Galdino: Já agora estarei por tudo.l caze-me de facto com a Sr.^a; não há remedio (A' parte) se não atural-a.l.

SCENA SEGUNDA.

Fernando (entrando) Oh! que é isto.l? o Sr. acompanhado aqui desta dama.l

Galdino: Pois que tem? sim; sabe. o meu casamento. sim; o Sr. ignora.l — tem razão.l

Fernando: Pois o Sr. é cazado.l?

Galdino: E até tenho huma filha chamada Esmeria.l

Fernando (olhando para hum lado): E esta? o meu criado cazado; e já com huma filha.l

Galdino: Sim, Sr.l Sim, Sr.l e por isso mesmo far-lhe-hei em breve as minhas despedidas.

Fernando: Ainda mais esta! Fala-me em despedida (pausa)

E depois quem me hade servir, se me faltar este pansudo barrigudo.l

Esmeria: (entrando) Sua benção meu pai.

Galdino: Oh! Bem vinda minha querida! **Fernando:** Onde diabo; em que caza tinhas tu metido a mulher, e este anjo de bondade! tão escondidos ou bem guardados, que eu nunca pude saber que existião!

Galdino: Não me convinha; porque sei quanto o Sr. é amigo de alheias mulheres! **E se a minha Esmeria é hum anjo de bondade, a minha Luduvina é hum santa de maldade!**

Fernando: (muito zangado) Todos tem mulher! (puchando os cabelos) isto é o diabo! e o diabo! e é o diabo! onde irei eu buscar, achar hum que me agrade! (de repente para Galdino) Amigo, dás-me a tua filha em casamento! (pondo-lhe a mão no peito) se ma dás, hoje mesmo meu caro, ela será minha mulher!

Galdino: A minha Esmeria é hum anjo de bondade; só se o Sr. se sujeitar a todos os preceitos que ela lhe impoz!

Fernando: Mas que diabos de preceitos são esses! pois tu não me conheces? não sabes quanto eu sou franco e generoso; cavalheiro e...

Galdino: Sei; sei de tudo isso! mas eu não quero fazê-la infeliz! o Ilm.^o Sr. Dr. Fernando hade ser hum especie, ou hum verdadeiro creado fiel de minha filha; e ha-de declarar-o em hum folha de papel, escrita por tabelião e assignada pel-o juiz competente; o dos casamentos ou dos negocios civis. & & &

Com a satisfação de todas estas condições, ou seu preenchimento, a minha muito querida filha, se quizer, será sua mulher! Fora delas, ou sem elas; não falaremos, não tocaremos mais sobre tão melindroso assumpto.

Fernando: (aparte) E o caso não julgado é verdade — que estou pela minina apaixonado: e por isso mesmo não terá remedio o Sr. Fernando, senão a tudo se ir sujeitando.

Assim é que servia-me o meu futuro sogro; ha mais de seis mezes sem que eu soubesse que era casado! e qe tinha hum filha!

Foi realmente hum misterio! e dizem-me que não apparecem off não se veem milagres notempo presente.

Acto Terceiro.

SCENA 1.^a

Luduvica: (creada de Almeida Garret) Depois que este meu amo se associou ao Sr. Fernando de Noronha; que este se casou com a Sr.^a D. Esmeria, filha de hum velho criado deste; e finalmente depois que se juntou certacamaratõica de maridos, mulheres, genros, criados ou quiabos e não sei que mais, nabos ou diabos, anda esta casa sempre assim!

Ninguém os entende! Se se vai servir á Sr.^a D. Luduvina; eis que se ouve a voz do Sr. Fernando de Noronha (gritando) Luduvica! Ludu-

vica! traze-me as botas! Se se está servindo ao Sr. Dr. Fernando, eis que me chama a Sr.^a D. Esmeria: Luduvica! Luduvica! toma este recado e vai leval-o á casa de minha prima Ermeneutica! Finalmente, se estou servindo a qualquer destes; eis que o Sr. Galdino creado outrora mal creado, barrigudo, pansudo. bendudo, grita: Dá cá de lá os chinelos que estou com os olhos na cabeça!

Emfim, é o diabo! é o diabo! muito desejo ver-me livre desta casa; em que seisou oito mezes de serviço já me fedem!

Ainda que me não queirão pagar; quando não o pensarem hão-de me ver raspar!

(Entra Almeida Garrê, Gabriel, Galdino e Fernando de Noronha.)

Galdino: Com todos os diabos! estou hoje com taes disposições de avançar a corações, que se tu não fosses cazada (pondo a mão em Luduvina) protesto que me não escaparias!

Luduvica: Como o Sr. está engraçado! pensa que mesmo sendo, e que mesmo não sendo, eu havia de ceder aos seus desejos brutales! sabendo principalmente que é cazado: atoleimado; foi criado; e que tem filhos!

Está; está — muito; e muito enganado!

Fernando de Noronha: Oh! Sr. Gabriel-galdino! isso não é couza que se faça ás escondidas de alguém! eis porque não há criados que queiram servir-nos! (com força) isto envergonha! envergonha, e faz afastar de nós todos os criados e criadas que ha em toda esta cidade! é esta a decima-oitava que para aqui vem; e que não tardará a deixar-nos!

Se o Sr. não mudar de comportamento, estamos todos perdidos! teremos em breve de nos-servirmos com as nossas proprias mãos!

Garrê: Ainda será bom, se nós servirmos-nos só com as nossas mãos! se não nos for necessario servirmos-nos com os nossos pés!

Galdino: Não — tolerões! eu estava apenas brincando! queria vêr a que ponto chegava a pudicicia da nossa encantadora, e amavel servidõra — Luduvica Antonia da Porciuncula (Fazendo mensão de abraçá-la, ela afasta-se hum pouco como receioza) Não receieis, minha Menina; se vos-desse hum abraço — seria de amizade, ou igual áqueles que os Pais dão nos filhos; as mãis nas filhas: & &.

Fernando: Luduvica; já preparastes o que te disse demanhã qe queria?

Luduvica: Como havia de preparar, se eu não me posso voltar nem mecher-me para lado algum! se me volto para a direita, sou chamada da esquerda; se para a esquerda, incomodada pela direita; e finalmente pelos flancos, retaguarda, e vanguarda; sempre e sempre chamada! incomodada, e flagelada!

Fernando: Em vista disso, irei eu mesmo preparar! (Sahe muito zangado, mas para-se na

potia).

Garrê: E as minhas camizas, calças, e ceroulas — já aprontastes?

Luduvica: Não tenho tido tempo nem para cozer os meus vestidos, quanto mais a sua roupa.

Garrê: Huma criada assim, não sei para que diabo pôde servir. (vai a sahir, e esbarra-se com Fernando de Noronha, que até então se achava serio e firme, como hum soldado de sentinela em frente do inimigo).

Fernando: Alto lá! aqui ninguem passa. ponha-se ali do lado, e firme como hum soldado. quero ver até que ponto chega a audacia desta criada.

Garrê: (prefila-se ao lado direito).

Gabriel-galdino (com palavras muito ternas ou assucaradas): Então, minha queridinha! (aproxima-se á ella) nem hum beijinho me das! nem hum abraço, nem hum abracinho, nem ao menos hum volver desses olhos estrelados!

Luduvica: (sorrindo-se). O'ra nunca pensei que o Sr. fosse tão audáz!

Gabriel: Pois é audacia pedir-se aquilo de que se tem necessidade!

Luduvica: Vá procurar a sua mulher, e com ella faça o que quizer!

Galdino: E se ella não quizer, o que hei-de eu fazer?

Luduvica: Ter paciencia, e fazer-lhe continencia!

Galdino: Então, além de me negar aquilo que me deve dar, ainda hei-de ter paciencia, e fazer-lhe continencia!

Luduvica: E que remédio o Sr. terá, senão assim proceder, ou humilhar-se?

Se o não fizer, ella o ferirá; o Sr. ha-de morrer, ou ella se matar!

Gabriel: Em vista disso, adeus minha queridinha; adeus! (vai a sahir, e encontra o mesmo obstaculo como Garrê).

Fernando (para Gabriel Galdino): Alto frente! tome a esquerda, e prefile-se! (desembainha a espada por de traz).

— Gabriel toma a esquerda, e prefile-se).

Luduvica: Que farão os trez pandorgas (passando e vigiando-os ora com o rabo de hum, ora com o rabo do outro ôlho) Que esperarão elles! pensarão mesmo que me hão de continuar a massar! estão bem servidos! eu os componho; eu agora mostro-lhes o que é a força de hum mulher, quando esta está a tudo rezelvada, ou mesmo quando apenas quer mangar com algum homem! (puxa, passan-do, um punhal que occultava no seio, e conserva-o escondido na manga do vestido). Estes (á parte) meus amos são unspoltrões; eu faço aqui carreira, faço brilhar o punhal; elles, ou me hão de deixar passar livremente, ou cahem por terra mortos de terror! e não só por serem hums comilões, hums

poltrões, tambem porq... não direi; mas o farei! (volta-se repentinamente; faz brilhar o punhal; avança-se para elles, os dos lados cahem cadaqual para seu lado, e o do centro para diante; ella salta em cima deste, volta-se para o publico, e grita levantando o punhal).

— E s-me pizando hum homem, como hum carancho hum cavallo morto!

Quando a força da razão, do direito, e da justiça, empregadas por actos e o palavras, não forem bastantes para triumpharem; lançai mão do punhal... e lançai por terra os vossos indignos inimigos, como fiz e vedes a estes tres algozes!

De-c-o pano, pass-dos alguns minutos, — e a-í-m-tiada o t-er-c-e-i-r-o A t-o

Entredo.

Jeronimo de Aviz (entrando com flauta, e mais 3 tocadores com varios instrumentos).

Lá vai! (sopra a flauta; e esta não dá mais que hum assovio destemperado; sopra com mais força, — succede o mesmo, ou ainda peor).

Muito ancioso querem lo desculpar-se).

Srs! deu o tétano na minha flauta! desculpem; desculpem!

Os outros: Qual desculpa! nem desculpa! embacou-nos, agora ha-de aprender a tocar todos os instrumentos (cabem-lhe em cima com o flauta; ele defende-se com a flauta; de hum o de outros; e assim que pode corre a safar-se).

Os outros fingem persegui-lo; ele procura escapar-se e não pode, da... o tambem em uns, e em outros com a flauta) dizendo-lhes:

— Paguem as lições qe lhes dei ensinando-os a tocar flauta!

Neste acto e barulho, deve pouco a pouco ir descendo o pano.

QUADRO.

Aparecem todos; cantam, e dançam mascarados; de violas, tambores, flautas, rabécas, e violões — os seguintes versinhos:

Minha Muza está vazia,
De tanto haver dado á Thiel
Minha rabéca não canta,
Nem o violão descanta!
Trai, larai; tri, lari,
lari; trai; larai; tri lari,
larou
(Repete-se.)

Minha viola stá zangada,
Por não ter mais hum corda
Dela a flauta discorda;
E assim — só desagrada!

Trai; larai; tri lari,
lari; trai; larai; tri lari,
larou.....

(Repete-se.)

Minha rabéca assovia;
Com esse rôco violão,
Não faz boa harmonia:
Hei de ver melhor baixão!
Trom larom,
larom larom larom;
Trom larom, larom
larau lau lau.....

(Repete-se.)

Meus tambores estão rôtos!
Que fazer deles, — não sei!
Hei-de vendel-os ao Rei,
Cobertos de péles d'escrôtos!
Trom, larom, larom,
larau lau lau; trom, larom,
larau, larau, lau lau.l...

(Repete-se)

Minha flauta já não toca,
Mas apenas— assovia!
— Se não melhorar na pia,
— Hei-de mandal-a á taboca!
De m. larom, larom,

larim lau lau; drom,
larom, lari, lari, larom.l...

(Repete-se.)

Cantados, e repetidos estes versos por duas ou mais vezes, dançando-se e tocando-se chôteze, cada hum canta os que dizem respeito ao instrumento que toca.

— Termina o Quadro; e com ele a Comédia do seguinte modo.

O Flautista para os outros — Srs.l silencio.l o mais profundo silencio.l vou tocar a mais agradavel pessa, e de minha composiçào, que se possa ter ouvido no planeta que habitamos.l

Ouçào.l ouçào.l

(— Todos ficão silenciosos; e põem os instrumentos debaixo do braço esquerdo).

O Flautista (levando a flauta á boca:)

Fi..... u.....

Desce o pano.

Fim do Quadro e da Comedia.

Porto Alegre, Junho 6 de 1866.

**Por— Jozé Joaquim de Campos Leão
Corpo-santo—**
